

## A EDUCAÇÃO SEXUAL: ALUNOS, PROFESSORES E PAIS – RELATO DUMA EXPERIÊNCIA

Hélia Dias<sup>1</sup>  
Olímpia Cruz<sup>1</sup>  
Conceição Santiago<sup>1</sup>

A escola tem hoje a missão de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social de cada estudante, a todos níveis e particularmente, ao nível da educação para a sexualidade.

A adolescência na sua singular transição da infância para a vida adulta é um período da vida cheio de oportunidades e riscos. A evolução das sociedades nas suas diferentes dimensões tem proporcionado mudanças na vida das pessoas, que se reflectem na saúde e no desenvolvimento integral dos adolescentes e, em certos casos, pode constituir-se numa séria ameaça à sua própria vida. Existem hoje, a nível da sexualidade muitos aspectos que urgem serem trabalhados e discutidos ao longo do crescimento e desenvolvimento de cada jovem, o que tem levado a alterações legislativas em Portugal, referimo-nos concretamente à Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto e a Portaria n.º 196-A/2010 de 9 de Abril, que estabelecem as bases gerais do regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.

O projecto, que se apresenta, tem sido desenvolvido desde o 2º ciclo até ao ensino secundário e dirige-se a alunos, pais e professores. Com os alunos, tem-se valorizado, para além da informação sexual, uma discussão de valores sócio-afectivos, promotores da construção de um quadro de referências pessoal, indispensável a uma tomada de decisão consciente e responsável no domínio da saúde sexual e reprodutiva. Com os professores, o objectivo centrou-se no desenvolvimento de conhecimentos facilitadores da implementação da educação sexual a nível escolar, procurando promover-se uma reflexão que conduza à construção pessoal duma perspectiva sobre a sexualidade e educação sexual e, também, a discussão de perspectivas e estratégias de aprendizagem de educação sexual em contexto escolar. Com os pais, a intervenção tem sido no sentido da compreensão da fase da vida dos seus filhos e na sua capacitação para o exercício das funções parentais.

Nesta sequência apresenta-se a caracterização das actividades desenvolvidas por ciclo de escolaridade, a identificação das estratégias utilizadas e a avaliação das mesmas. As actividades reportam-se aos anos lectivos de 2008/2009 e 2009/2010, num universo de 1261 pessoas.

### A EDUCAÇÃO SEXUAL NO 2.º CICLO

Relativamente ao 2º ciclo estiveram envolvidos 215 alunos com idades que variaram entre os 9 e 14 anos.

Nesta fase as crianças evidenciam um crescimento físico bastante rápido, não só em

<sup>1</sup>Instituto Politécnico da Saúde - Escola Superior de Saúde de Santarém

termos ponderais mas, também ao nível dos caracteres sexuais secundários, que decorrem do normal desenvolvimento hormonal e cujo ritmo está muito associado às características genéticas familiares. Em termos de educação sexual as principais necessidades são: a curiosidade relativa ao corpo e às mudanças deste; necessidade de melhorar as suas relações pessoais e sociais através de um melhor conhecimento de si próprio e dos outros (auto-estima, confiança pessoal); demonstração de afecto uns pelos outros e, não só, entre indivíduos de sexos diferentes. A curiosidade relativa à reprodução é enorme e o interesse é bastante verdadeiro. Este interesse tem como base a auto-consciência de si mesmo como uma pessoa sexuada e a interacção com colegas e amigos, agora vistos como sendo do outro sexo. As suas manifestações variam desde o riso descontrolado em grupo, a piadas trocadas entre colegas, o humor à flor da pele ou até um desejo mais privado de procurar informação (Carvalho, 2008 e Marques et al, 2000).

Assim foram desenvolvidas 11 sessões com os objectivos de sensibilizar e caracterizar as mudanças corporais, emocionais e intelectuais, durante a pré-puberdade e a puberdade. Os conteúdos organizaram-se nos seguintes temas: ser rapaz e ser rapariga; o período pré-pubertário e a puberdade e estratégias de ajuda/orientação para uma vivência saudável destas transformações.

Recorreu-se a actividades baseadas na interacção com os alunos em contexto de turma, utilizando-se metodologias activas como visualização de filmes e criação de espaços de debate. Em algumas sessões foi possível centrar-se a planificação, operacionalização e avaliação das actividades, totalmente, nos alunos e professores responsáveis. Tendo a nossa participação assumido o papel de visitante externo, com presença numa sessão final, tipo painel, de apresentação e discussão de toda a pesquisa desenvolvida dinamizada pelos alunos. De um modo geral, observou-se interesse e envolvimento dos alunos em todas as sessões, manifestado pela atenção, interacção e colocação de questões, previamente elaboradas e enquadradas nos temas abordados. Pode afirmar-se que se observou uma vontade intensa de “saber tudo”, justificada pela sua capacidade de questionar e ser curioso sobre tudo o que rodeia, que se expressa através de questões sobre a reprodução e a vida sexual (Marques et al, 2000). É o desenvolvimento precoce desta capacidade de pensar e questionar que favorece o desenvolvimento de pontos de vista próprios e bem fundamentados (Carvalho, 2008).

### **A EDUCAÇÃO SEXUAL NO 3.º CICLO**

Ao nível do 3º ciclo foram abrangidos 279 alunos com idades entre os 11 e os 17 anos. Nesta fase ambos os sexos sofrem as preocupações naturais decorrentes do rápido crescimento pubertário. Assim em termos de crescimento/desenvolvimento neste ciclo relevam-se os seguintes aspectos: as modificações têm um profundo efeito simbólico que surge da compreensão de que já se pode ser sexualmente activo; a actividade sexual é vista como uma promessa excitante e perturbadora, que despertará para o gosto e o risco de seduzir; ser-se criticado ou incomodado por causa do aspecto físico pode ter consequências graves e duradouras nos adolescentes; socialmente, a grande conquista é a independência, que se coloca essencialmente numa perspectiva simbólica, já que os

adolescentes não desejam romper os laços que os ligam aos pais, mas modificá-los, de modo a criarem o seu próprio espaço. Nesta etapa, os jogos sexuais fazem parte da experiência sexual normal de quase todos os jovens e devem ser vistos como um passo normal no desenvolvimento da maturidade psico-sexual, pois permite aos adolescentes aprender sobre as suas respostas sexuais e as do parceiro. O jogo sexual define-se como as actividades mais fisicamente sexuais que o beijo, mas que não chegam à penetração vaginal, o que requer uma consciencialização de que comporta riscos (Carvalho, 2008 e Marques et al, 2000).

A nossa participação ocorreu naquilo que consideramos a perspectiva mais tradicionalista ao nível da educação sexual desenvolvida por participantes externos, ou seja, as escolas fizeram-nos chegar somente os objectivos da sessão, a partir dos quais procurámos organizar sessões que dessem resposta aos mesmos, e que integrasse a relação entre o desenvolvimento/crescimento esperado para esta idade, com as necessidades de educação sexual. Contudo, algumas escolas basearam os seus pedidos nas necessidades sentidas a este nível, nomeadamente a ocorrência de um elevado número de gravidezes na adolescência (7), nos últimos 5/6 anos e a constatação de uma actividade sexual precoce associada a comportamentos de sexo não seguro. Enquanto outras estiveram integradas nas actividades do Dia Mundial da Sida da responsabilidade da Escola. Neste contexto foram desenvolvidas 11 sessões com os seguintes objectivos: Reconhecer a sexualidade como uma das dimensões da personalidade humana e reconhecer os riscos associados ao início precoce de uma vida sexual, particularmente o VIH/SIDA e a gravidez não desejada. Os conteúdos situaram-se nas dimensões intelectual, emocional e relacional da adolescência; o que é a infecção VIH/SIDA, conhecimentos, atitudes e comportamentos a ter em conta na sua prevenção e a problemática da gravidez na adolescência. Em termos de estratégias recorreu-se ao método interactivo, com recurso à exposição oral, visualização de filmes e debate. Verificou-se em todas as sessões um elevado grau de participação e interesse dos alunos, sendo que nos mais velhos percebeu-se que a colocação de questões decorreu das necessidades sentidas, centradas na sua vivência afectiva e sexual, em busca de respostas concretas às suas preocupações e dúvidas.

## A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO SECUNDÁRIO

No Ensino Secundário, as actividades decorreram com jovens do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, num total de 470 alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos. Este período caracteriza-se essencialmente pela existência de um corpo adulto em desenvolvimento. A nível psicossocial, o processo de autonomia e construção de uma identidade adulta acentua-se e consolida-se, dando origem a sistemas de atitudes, valores e sentimentos mais estáveis. Assim, a construção da intimidade – no que respeita às relações amorosas e à sexualidade como um todo – representa um elemento fundamental. As novas possibilidades e necessidades sexuais emergentes, nem sempre fáceis de assimilar e de assumir, podem desencadear conflitos ou dificuldades que os adolescentes têm de enfrentar e tentar superar. O curso adequado de todo este processo permite ganhar a noção de ser-se pessoa sexuada, diferenciada do semelhante. Os relacionamentos

amorosos têm características mais duradouras. Consolida-se o conjunto de atitudes e valores face à sexualidade, ao amor, aos papéis masculino e feminino, às normas de relacionamento entre os sexos. Constata-se a necessidade acrescida de acções de prevenção ao nível da SSR: prevenção da gravidez não desejada e o contágio por IST (Carvalho, 2008 e Marques et al, 2000).

A nossa participação assumiu, mais uma vez o carácter de palestra, realizando-se dez sessões, onde procurámos relacionar o desenvolvimento/crescimento com as necessidades de educação sexual dos jovens. Os conteúdos centraram-se no desenvolvimento afectivo-sexual nas dimensões: desejo por novas experiências, situações e contextos e características pessoais; alguns dados epidemiológicos sobre o VIH/SIDA e a gravidez na adolescência; a importância da tomada de decisão em comportamentos sexuais e métodos contraceptivos. Contrariamente, às actividades anteriores, constatou-se ao nível dos alunos do ensino secundário um menor envolvimento, alguns expressaram mesmo já saberem aquilo tudo que estava a ser falado, observando-se, também, por parte de alguns uma atitude pouco positiva face a uma questão colocada por um colega, que dava a entender “Sabes tão pouco!” ou “Não tens qualquer experiência!”. Contudo, no final das sessões foram muito os jovens, rapazes e raparigas que colocaram em privado questões sobre a fisiologia do ciclo menstrual ou ovárico, o período fértil, a contracepção de emergência, entre outras. A preferência pela abordagem individual revela bem o cariz intimista e individualizado da vivência da sexualidade que já se construiu nesta fase da vida, o que vem suportar a importância da criação dos gabinetes de informação e apoio, conforme o artigo 10.º da Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto, e que já vêm sendo criados em algumas escolas com uma boa adesão por parte dos jovens. Para além da confidencialidade, estes gabinetes virão a proporcionar a oportunidade de interacção com profissionais de saúde, fundamental nesta fase da vida, onde a experimentação é real e as dúvidas não são no plano abstracto, mas sim decorrentes dessa mesma experimentação; por outro lado, ao estarem integrados nos projectos educativos de cada agrupamento ou escolas não agrupadas devem envolver os alunos na definição dos seus objectivos. Ainda, relativamente ao menor envolvimento dos alunos, podem levantar-se como razões: a presença elevada de alunos por sessão, bem como a diversidade dos cursos e das áreas que frequentam. Apesar destes condicionalismos, avaliou-se como positivo o desenvolvimento destas actividades com os alunos do ensino secundário, já que deve haver um acompanhamento progressivo do desenvolvimento afectivo-sexual, onde a informação e a formação sejam a par e par com o mesmo, pois, frequentemente, colocam-se questões por parte dos jovens que já haviam sido discutidas, mas não integradas, devido ao desfazamento entre as suas necessidades e o momento em que os assuntos são abordados.

## OS PROFESSORES E A EDUCAÇÃO SEXUAL

O trabalho desenvolvido com os professores ocorreu em três escolas da área de influência da Escola Superior de Saúde Santarém e numa escola do distrito do Porto e dirigiu-se a professores desde o ensino pré-escolar ao ensino secundário, num total de 207, de diferentes áreas disciplinares.

Alguns estudos (Reis e Vilar, 2004) realizados em contexto escolar com professores mostram que estes são favoráveis à educação sexual na escola, contudo, levantam-se muitas dúvidas sobre a forma como a mesma deve ser implementada. Estas dúvidas passam pelo modelo de implementação a seguir e sobre o perfil do professor que a desenvolve. Frequentemente, ouve-se que devem ser os professores que manifestem interesse e se sintam preparados e à-vontade para o fazer; mas as recentes alterações ao quadro legislativo, especificamente a Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto e a Portaria n.º 196-A/2010 de 9 de Abril, que estabelecem as bases gerais do regime de aplicação da educação sexual em meio escolar, conferem-lhe obrigatoriedade, o que vem impor um novo cenário ao professor.

Sendo assim, é claro que os professores necessitam de formação, o que é assumido nos documentos legais anteriormente referidos. No nosso entender, formação não só como lidar com situações imprevistas no domínio da sexualidade, mas, essencialmente, de formação que os ajude a trabalhar o seu próprio conceito de sexualidade, pois como se sabe a sexualidade é uma construção sócio-cultural, logo fortemente marcada por crenças, preconceitos e tabus que contribuem para uma visão redutora da mesma e que influencia em muito a sua abordagem. Por outro lado, também devem ser trabalhadas estratégias reais e eficazes para implementar um programa de educação sexual.

Neste contexto, a actividade desenvolvida com os professores intitulou-se “A educação sexual: Reflectir com os professores” e teve como objectivo desenvolver conhecimentos facilitadores da implementação da educação sexual em contexto escolar. Em termos de conteúdos estruturou-se em duas áreas: Da sexualidade e da educação sexual em contexto escolar e Perspectivas e estratégias de aprendizagem da educação sexual em contexto escolar. A primeira área centrou-se na discussão dos conceitos de sexualidade, educação sexual e educação da sexualidade, pretendendo-se ajudar a construir uma perspectiva pessoal e a reconhecer que o papel do professor em educação sexual não difere substancialmente do que se lhe atribui no processo educativo (Marques et al, 2000). A segunda focou-se na apresentação de algumas linhas a contemplar na operacionalização dum projecto de educação sexual desde o contexto escola até ao contexto turma. Para num segundo momento se referenciarem estratégias de abordagem no espaço turma e numa metodologia participada pelos alunos, onde foram trabalhadas técnicas de educação sexual que se podem organizar, consoante se quer trabalhar conhecimentos, atitudes ou comportamentos, a vários níveis: técnicas de partilha de informação, técnicas de clarificação e debate de opiniões, valores e atitudes e técnicas de treino de competências (Vaz, Vilar e Cardoso, 1996). As sessões foram muito participadas pelos professores, e percebeu-se que para muitos era a primeira vez que tinham oportunidade de falarem sobre a sexualidade com os seus colegas e constatarem que as suas dúvidas e receios eram iguais; para outros, não era o não querer trabalhar a educação sexual, era saber de que modo o fazer. Muitos professores relataram experiências pessoais e profissionais no âmbito da sexualidade, onde se evidenciaram preconceitos e mitos, mesmo para alguém com formação superior, o que vem dar suporte à urgência de proporcionar formação aos professores. Pois, antes de ser professor, é-se ser humano sujeito a todos os processos de socialização que atravessam o ciclo de vida. Observou-se, na maioria, uma necessidade de formação, não pela exigência da

obrigatoriedade da legislação, mas pela possibilidade de reforçarem o seu papel enquanto professores, numa escola que é cada vez mais exigente.

## PAIS E ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Com os pais desenvolveram-se duas sessões, em duas escolas, no âmbito do 3.º ciclo, num total de 90 pais/encarregados de educação/família. Na sequência do que vem sendo abordado, a inclusão destes elementos no processo de educação sexual torna-se, claramente, necessário. A função da escola mudou muito nas últimas décadas, se durante muito tempo foi considerada como um meio para preparar os indivíduos para o desempenho de funções qualificadas e aceder à vida profissional; hoje, a escola tem para além desta função, a missão de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social de cada aluno, a todos os níveis. Assim, é fundamental que os pais participem neste processo, até porque sendo uma área recente no sistema educativo tem gerado curiosidade e interesse da sua parte e, não tanto receio ou oposição, como, por vezes, se supõe.

As sessões decorreram, após convite endereçado por cada uma das escolas aos pais/encarregados de educação/família, ao final do dia e à noite, que como se sabe são os períodos mais propícios à sua adesão, já que favorecem a adequação das actividades profissionais com as familiares. Os objectivos foram desenvolver a compreensão para esta fase da vida dos seus filhos, para uma melhor capacitação para o exercício das suas funções parentais e promover a discussão sobre a problemática da educação sexual. Os eixos temáticos organizadores da exposição foram: da puberdade...à adolescência, conceitos de sexualidade e educação sexual; a comunicação pais/encarregados de educação/família-filhos ao nível da educação sexual: mitos, dificuldades, aspectos facilitadores e estratégias de abordagem (Vilar, 2005). Observou-se em ambos os grupos uma heterogeneidade de pais/encarregados de educação/família que não foi inibidora numa discussão aberta sobre as suas vivências ou dificuldades, já que se procurou centrar a actividade não nas diferenças, mas sim, nas suas similitudes no papel de pais e encarregados de educação. Numa sessão estiveram presentes alguns jovens, aspecto que inicialmente nos pareceu poder trazer dificuldades sobretudo no período de debate, mas que se revelou positivo, ao permitir que pais e filhos tomassem consciência de que ambos estavam preocupados com o decurso desta fase da vida, de que tinham opiniões e sabiam partilhá-las. Em alguns rostos observavam-se expressões de espanto, tanto de pais ou filhos, sobretudo pelo à-vontade com que se manifestavam e pela pertinência das questões e em alguns pais expressões que mostravam “como o meu filho está crescido!”. Na outra sessão estiveram presentes duas mães que são profissionais de saúde no centro de saúde local, podendo observar-se a boa relação entre escola - centro de saúde e o envolvimento dos pais nas actividades promovidas pelo mesmo, que consideraram complementares com as actividades organizadas pela escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de balanço global salientam-se as seguintes ideias: sessões interactivas,

integradas e decorrentes dos projectos de educação para a saúde e a sexualidade de cada agrupamento de escolas ou escolas não integradas; um debate aberto com a envolvimento dos participantes (alunos, professores e pais/encarregados de educação/família); nos alunos, percebe-se uma motivação acrescida na aquisição de uma consciência ao nível dos hábitos de vida saudável e tomada de decisão no âmbito da saúde sexual e reprodutiva.

Evidencia-se que a intervenção desenvolvida, baseada numa dialéctica de desenvolvimento e aprendizagem, tem demonstrado que a educação para a saúde, como estratégia para promoção de hábitos de vida saudável se revela uma mais-valia junto das crianças e jovens. É notório que estas actividades recaem sobre um assunto que desejam conhecer, mais e melhor. Trata-se de uma realidade nova e cada vez mais assumida por todos os intervenientes no processo educativo, que faz crer que os jovens não querem que lhes ensinem, mas sim, que lhes proporcionem uma aprendizagem. Relativamente, aos professores realça-se, com este grupo, uma necessidade de formação sustentada numa motivação pessoal e profissional. Na relação escola-pais/encarregados de educação emerge uma nova fase, ou seja, é necessário criar oportunidades de partilha de vivências, experiências e problemas em temáticas ligadas à sexualidade, fomentar formas de diálogo menos formais e mais flexíveis, no sentido de fortalecer a ligação escola-família.

Releva-se a excelente articulação entre as instituições parceiras e a Escola Superior de Saúde de Santarém neste projecto da sexualidade, em todas as etapas do seu desenvolvimento, o que motiva para a sua continuidade.

A educação pelos pares tem vindo a ser utilizada como estratégia de promoção e educação para a saúde em contextos escolares com sucesso. Neste sentido, a possibilidade de integrar estudantes do Curso de Enfermagem – 1.º ciclo poderá contribuir para a implementação desta orientação a dois níveis. Primeiro, como um recurso importante em educação sexual, dada a proximidade geracional e a oportunidade de ajudar outros colegas a aprender um modo positivo de viver a sexualidade. Segundo, como a possibilidade de mobilizar as escolas parceiras como um espaço de aprendizagem e desenvolvimento destes estudantes de enfermagem. Desta forma, estar-se-á a ir ao encontro do preconizado na Carta de Edmonton para Universidades Promotoras de Saúde e Instituições do Ensino Superior (2005) visando a Promoção da Saúde num mundo globalizado, numa abordagem baseada em *settings*, contribuindo para a saúde e bem-estar da comunidade através de parcerias, incentivando os estudantes a participar na defesa dos conceitos da promoção da saúde e a serem envolvidos na vida institucional, bem como, prepará-los como cidadãos comprometidos com a promoção da saúde nas suas organizações e comunidades.

É este o caminho, haja possibilidade de o continuar a concretizar.

## BIBLIOGRAFIA

Carvalho, C. (2008). **Guia de Educação da Sexualidade**. Lisboa: Fundação

Secretariado Nacional de Educação Cristã

Cortesão, I., Silva, M. A. e Torres, M. A. (2005). **Educação para uma sexualidade humanizada: Guia para professores e pais.** (2.<sup>a</sup> ed.). Porto: Edições Afrontamento

Lopez, F. e Fuertes, A. (1995). **Para compreender a sexualidade.** Lisboa: APF

Marques, A. M. et al (2000). **Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras.** Lisboa: Ministério da Educação e Ministério da Saúde

PORTUGAL. Assembleia da República - **Lei n.º 60/2009.** Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. Diário da República, Lisboa, I Série (151) 6 Agosto 2009, 5097-5098.

PORTUGAL. Ministério da Saúde e da Educação - **Portaria n.º 196-A/2010.** Regulamentação da Lei n.º 60/2009. Diário da República, Lisboa, I Série (69) 9 Abril 2010, 1170-(2)-1170-(4).

Reis, M. H. e Vilar, D. (2004). A implementação da educação sexual na escola: Atitudes nos professores. **Análise Psicológica**, 22(4), 737-745

Vaz, J. M.; Vilar, D. e Cardoso, S. (1996). **Educação sexual na escola.** Lisboa: Universidade Aberta.

Vilar, D. (2005). **Falar disso: A educação sexual nas famílias dos adolescentes.** Porto: Edições Afrontamento